



O Cotidiano de uma Estética da Práxis¹

Josevânia Nunes RABELO²

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

Resumo

O texto pretende relacionar o livro “Quarto de Despejo” de Carolina Maria de Jesus com os autores Michel de Certeau, em “A Invenção do Cotidiano”, e José Machado Pais, em “Sociologia da Vida Quotidiana”, que elaboram interpretações sobre o significado destas práticas do dia a dia. Então, pretendemos estabelecer um diálogo entre eles e a narração memorialística da autora expresso pela sua vivência na periferia paulista e nas suas andanças pelas ruas da cidade. Porque, em Certeau, vemos o ordinário como “canto de resistência” e, em Pais, temos as “ratices” na ordenação de um conceito de apropriação sociológica ampla a fazerem elos com a literatura de Jesus mediante os registros da sua sensibilidade diária. Estes dois vieses possibilitam um encontro com a sua escrita, demarcando uma “estética da práxis” e indicadora de uma leitura vivencial sobre o mundo. Nesse caso, a favela do “Canindé” foi um espaço portador das imagens da falta do mínimo para a sobrevivência na cidade de São Paulo e que sinalizava as diferenças de vida em outros espaços. Possibilitando a percepção da escassez naquela localização e, em outros, as marcas do conforto. E foram estas comparações que produziram a poesia e a existência da subjetividade e da objetividade dos fragmentos da “dura caminhada” de Carolina de Jesus.

Palavras-chave: literatura; cotidiano; espaço urbano.

1 - O Cotidiano “pela vida afora”³

O livro “Quarto de Despejo” já traz em seu título palavras indicativas de como as espacializações são compreendidas por qualquer um de nós que reflita sobre um espaço destinados aos restos. A autora diz onde está e qualifica esta localização mediante uma percepção de algo desprezível. Porém, no arranjo poético as realidades mais repugnantes lançam alguma luz em sua dimensão de penumbra repulsiva: “Eu sou muito alegre. Todas manhãs eu canto. Sou como as aves, que cantam apenas ao amanhecer. De manhã eu estou sempre alegre. A primeira coisa que faço é abrir a janela e contemplar o espaço.”⁴ (JESUS, 2014, p. 23). Justamente a observação do espaço é permeada também pelas andanças reais de Carolina de Jesus. Então,

¹ Trabalho apresentado GT 06 - Cidades e Culturas Urbanas do III Seminário Nacional de Sociologia, realizado de forma remota de 08 a 16 de outubro de 2020.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFS e Professora do CODAP-UFS, e-mail: josevaniarabelo@gmail.com

³ GIL, Gilberto. Drão. In: GIL, Gilberto. **Um banda um**. Rio de Janeiro: Warner Music, 1982. Faixa 7. 1 Disco de vinil.

⁴ Este texto apresenta as frases, as pontuações etc do livro como no original.



diríamos que ela não se desvincula de uma contemplação subjetiva/objetiva e, no seu diário, joga com o cotidiano vivido de cada dia. Fez uma literatura de confronto ao real porque foi a sua escrita que possibilitou encontrar os meios melhores de vida. A sua errância nos diz também que mesmo na pobreza da favela do Canindé⁵, em São Paulo, o amanhecer não perde o enigma do novo dia seja para lembrá-la, logo após, das duras tarefas do ganha-pão: ser uma catadora de lixo. “Ser” este provocado pelas idas e vindas aos espaços urbanos ajustados a uma vivência moderna e aos rebaixados na condição de representarem o outro lado do aparente progresso. São as ruas que operam as “astúcias” (CERTEAU, 2014) e as “raticeis” (PAIS, 2007) para a autora, auscultando as distâncias entre a favela do Canindé e os espaços organizados da cidade de São Paulo. Distâncias em dois sentidos: uma mínima do deambular e a outra máxima da percepção da diferença. As imagens catalogadas eram carregadas até serem derramadas no caderno, talvez, peso e leveza estivessem nesse caminhar entre os dois processos: o dos objetos catados e o do pensar sobre o dia.

Aprendemos com este diário o significado de quem sabe executar uma leitura do cotidiano, sendo quase um anúncio de que os afazeres na sua literatura não possuem uma rotina tão enquadrada. Assim, me parece pragmático este alerta inicial do livro: “Suporto as contingências da vida resoluta. Eu não consegui armazenar para viver, resolvi armazenar paciência.” (p. 15). E seguindo os dias, sentimos que eles são distintos a dar concretude ao termo de diferenças na lida com as novidades destas 24h. A escrita está nos dois⁶ parâmetros de Certeau e Pais: a) na “tática desviacionista” de um querer transformar a realidade pela própria escrita, aparecendo o processo externo (os acontecimentos das ruas) e interno (a sensibilidade da interpretação) do espaço de onde se fala; b) no despertar de que o cotidiano é um “lugar de inovação”, porque ele seria o elo da autora com este mundo em mutação. E assim se fez a escritora ao mudar de condição de vida por ângulos inimagináveis se ficássemos presos a uma rotina da mulher negra e moradora da favela. Essa relativização jamais será indicadora de uma referência da possibilidade de qualquer um fazer o mesmo. Ao contrário, o destaque para este texto está justamente no propósito apenas de trazer uma perspectiva do cotidiano que a fez saltar de uma

⁵ Não existe mais porque foi desocupada para a construção da Marginal Tietê, em 1961.

⁶ As citações para Certeau e Pais são sempre as do ano de 2014 e 2007. Dos livros “A Invenção do Cotidiano” e “Sociologia da Vida Quotidiana”, respectivamente. As de Carolina Maria de Jesus do livro “Quarto de Despejo” de 2014.



condição de miserabilidade a outra de destaque. Apesar das intempéries posteriores à fama, acredito, sim, que ela foi uma vencedora no sentido da catadora de lixo e da escritora. Uma mulher negra, moradora da favela, que vai destacar as diversidades do dia a dia no contexto da periferia pobre de São Paulo. Provando a sabedoria do ordinário pelos diálogos interpostos no espaço urbano para aqueles salteadores das inúmeras dificuldades de sobrevivência.

Então, para além da vitória célebre de sua literatura, queremos destacar os ruídos do texto ao sedimentar as “astúcias” e as “ratices” como linhas abertas das práticas evocadoras da liberdade de um Povo, geralmente, consolidados pelo codinome de ignorantes da realidade. Nisso, a sociologia tem muito a aprender ao observar os passos mínimos dos sem poder e ouvindo a voz dos considerados excluídos se não quiser fabricar uma ciência separada da potência criativa do ser social. Mesmo sabendo da muralha entre a ciência e sobre aquilo que é escrito como objeto, cremos ainda em uma ordem que produz pesquisadores capazes de levar um alinhavo entre os seus informantes e a instituição científica. Foi isso que projetamos ao fazer uma releitura sociológica de “O quarto de despejo” na sinalização de um livro guia de significados amplos da arte de viver à margem dos requisitos da qualidade de cidadãos. O objetivo, portanto, deste texto será realizado se conseguirmos fazer uma incursão nos parâmetros de uma sociologia do cotidiano a partir das corpografias⁷ de Carolina de Jesus expostas pela vivência espacial da cidade de São Paulo. Uma ideia principiante de aprender com a escrita de quem seria o objeto, invertendo o encadeamento linear do fazer sociológico. Poderíamos dizer que o quadro já está pintado e foi apresentado a quem quisesse descobrir mais uma possibilidade de reflexão. Nesse caso, nos perguntamos o que dali escavaríamos para pensar o cotidiano em uma perspectiva da reciprocidade entre a compreensão sobre uma vivência onde tudo é falta e o transbordamento de uma literatura espacial destas caminhadas. E a partir disso fazer a mediação das duas vozes do discurso científico, Certeau e Pais, que capturaram metodologicamente as façanhas do cotidiano, com a outra, Carolina de Jesus, que conseguiu fazer uma literatura dentro desta mesma esfera de ação. A primeira delas pelas considerações de uma “*ratio* “popular”” que demonstra a presença ativa de sujeitos nas artes de fazer; a segunda nos

⁷ “A cidade é apreendida pela experiência corporal, pelo tato, pelo contato, pelos pés.” (JACQUES, p. 272, 2012); “(...) as corpografias serão sempre únicas, como o são as experiências, e suas configurações sempre transitórias.” (p. 302). Conf.: JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos Errantes**. Salvador: EDUFBA, 2102.



desdobramentos de uma sociologia “matreira, feita de “ratices””, dando estilhaços para pensarmos as ponderações analíticas do ordinário. A outra está composta na escritura de “Quarto de Despejo” convidando qualquer um a visitar a realidade daquele espaço urbano na sua “destreza tática” e no seu “olhar *arruadeiro*” de mulher imersa nos contornos duros da vida.

Sem deixar de transparecer a contradição mais estranha de todo conceito quando equivalente as especializações da prática, principalmente nos espaços populares. Uma vez que, estes rituais tem uma espontaneidade muito superior aos recorrentes padrões de comportamento de determinados locais. Aliás, o estar nas ruas possui uma logicidade da “*trampolinagem*” certauniana do que denominamos de “safo”. Nesse sentido, a cientificidade deve flexibilizar, de acordo com Pais, a experiência primeira de cada indivíduo no jogo da vida para perceber o ir e vir da imprevisibilidade, atestando um fio quase invisível da liberdade humana. Destes trajetos da ação, apenas restam-nos a memória dela contada por quem a vivenciou e apresentadas como as irregularidades da vivência social⁸. Justamente este é o caso de “Quarto de Despejo”, figurando uma narrativa a mais próxima de um esfarelar dos atos acontecidos pelo dia. A escrita significa, logo, a hora de uma paragem de retorno para a autora, envolta no processo de pensamento, em um trançar poético de um devir ajustado na apropriação de sentido sobre aquele real.

Assim, este livro de Jesus desperta nos aprendizes da sociologia do cotidiano um recuo às verdades, demonstrando que podemos somente espreitar os caminhos, ou melhor, as marcas desse fazer minúsculo de cada dia. São os pulos quase imperceptíveis que tentamos enquadrar em um aparato científico para atestarmos a criação humana. Um limiar que, no caso da literatura, tem a destreza de consideração somente com a linguagem tão bem expressa nas deambulações que transmitem a errância dos personagens. Para a sociologia, temos a aposta no diálogo que se desvia do saber engessado de categorias e passa a correr no desenvolvimento dos pontos experienciais dos dois lados de observados e observadores. Então, no encadeamento destes conceitos científicos, estamos fazendo uma sociologia menos dominante e mais encostada aos recursos populares de eles mesmos falarem de si – no caso de

⁸ Conf. LEITE, Rogério Proença. A Inversão do Cotidiano: Práticas Sociais e Rupturas na Vida Urbana Contemporânea. **DADOS - Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, vol. 53, nº 3, 2010, pp. 737-756. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0011-52582010000300007>. Acessado em 20 de setembro de 2020.



Carolina, a escrita sobre si. Isso nunca será um reducionismo, ao contrário, para a compreensão do simples nada mais fundamental do que o conhecimento das equações do complexo. Outra advertência necessária é a de que não estamos elaborando um sinônimo sociológico para a obra da autora. Tarefa que seria impossível, mas, a sedimentação do pensamento heterogêneo daqueles indivíduos presentificados no seu cotidiano: “Todas estas Gatas Borralheiras, a ciência há de transformá-las em princesas.” (CERTEAU, 2014, p. 130). Tenho muitas dúvidas sobre este poder da ciência principalmente porque o livro já produziu a cinderela, mas, seguindo Pais, temos certeza de que esta representação do real dá “nós de inteligibilidade ao social” (2007, p. 33). Aí reside o aspecto principal para querermos fazer esta sociologia conectada pela observação miúda e bastante apropriada ao pensamento deste social, ligado aos dias dos fazedores das artes urbanas ordinárias.

Olhar o cotidiano parece uma banalidade em meio aos entraves expostos por uma ciência, às vezes, empreendedora das resoluções dos conflitos. Contudo, seria bom dizer que o espaço micro transborda a realidade macro nos jeitos e trejeitos de uma artimanha de um saber-viver. Essas formas muitas vezes disformes, para os padrões da estabelecida cultura das estratégias possuidoras de um domínio, possuem a inventiva de aprontarem respostas esquivas aos de uma ordem superior. Sem projetos delimitados, eles aprendem a recortar as separações hierárquicas, dando voltas por entre as frechas do poder instituído. Escapando como uma caça que não quer ser aprisionada para deixar transparente a operação de um tato da prática de viverem à margem. Fazedores de curvas sinuosas nos mínimos recursos disponíveis e catalogados nas condutas mais contingenciais do social. Alertas de uma relação social ramificada em todas as esferas da cidade grande. Assim, foi a favela do Canindé para a autora que percebia nos seus passos de catadora de lixo as dificuldades de vida de todos habitantes daquele local. Porém, tinha um momento de transformação desta tarefa quando ela iniciava o processo de catadora de palavras para o diário. Um fazer que ela própria compreendia como dignificante e de ser um elo para ultrapassar aquela condição de pobreza. Ler e escrever para Carolina de Jesus tinha uma função da comunhão dela com o pesar do seu dia e do descarregar deste peso. Conexões objetivas e subjetivas de uma mulher com um senso dos dissabores e que não deixava de sentir os prazeres de um novo dia.



Agora, passaremos para a relação entre este livro e o historiador da “Invenção do Cotidiano”; e, posteriormente, com o sociólogo da “Sociologia da Vida Quotidiana”. Autores que avançaram na pesquisa das culturas denominadas de ordinárias. Sendo esta a ordem do dia para as “Artes de Fazer”: “O que ocorre abaixo da tecnologia e lhe perturba o jogo nos interessa aqui.” (p. 278). E ao sociólogo: “Tempo e lugar são *folhas em branco* que só ganham sentido com a *inserção*, com as *assinaturas* que os indivíduos nelas fazem.” (p. 138). Nestes parâmetros foram os dias escritos de Carolina Maria de Jesus que, agora, iremos com ela fazer um passeio em seu “canto de resistência” e nas suas “ratices” de uma estética da práxis.

2 - “A Invenção do Cotidiano” Quase Não Inventado de “Quarto de Despejo”

Sabemos que a autora escrevia sobre os acontecimentos do dia a dia na composição de um mundo palpável. Essa é uma das diferenças da tomada das vozes de quem ali vive e as escuta para logo após juntá-las nos cadernos de vida. Também a prática da leitura a seguia por todos os dias, fornecendo um alento para as condições de vida. E ler está entre os afazeres considerados por Certeau como uma forma de “tática”. Não podemos deixar de ilustrar que a leitura foi a irmã gêmea para ela sedimentar os propósitos inerentes à sua escrita, talvez, igual a todos os escritores destinados a deixar uma demarcação do pensamento. E linha a linha do diário confirmava seus argumentos de que: “A favela é um quarto das surpresas.” (p. 51) e “Todos os dias há uma novidade aqui na favela” (p. 58). Rupturas do cotidiano que podemos denominar nas diversas “astúcias” da sobrevivência, porque para escapular das difíceis situações muitas vezes este “louco” precisa ser rápido nas demonstrações de força. Ao ter diante da sua porta os casos da violência doméstica, da fome, dos homicídios etc., a favela ensina a ter o convencionado “jogo de cintura” da sua população. De quem quase nada tem a perder, restando, na maioria das vezes, o seu caráter de persistência englobada em uma consciência de saber que para alguns o lixo tem cor, cheiro e lembranças.

Nesse caso, “O Quarto de Despejo” é uma escritura representativa do estilo “sucata”, elaborando com as palavras as maneiras “desviacionistas” do ser afastado das ordens de poder. O cotidiano desta mulher negra e chefe de família tinha os traços de várias outras, então, está compreendido pelo seu texto a terminologia certeuniana



de “*ser outro e passar ao outro*”. Carolina de Jesus deixa transparente a sua opção pelos fracos e miseráveis e expõe até mesmo uma raiva vingativa ao relatar que ficou feliz quando uma enchente destruiu as mercadorias de um armazém. A tonalidade desse teor de agressividade significa a comprovação de desejar um sofrimento menos distintivo. Assim, a favela e a cidade não ficariam muito distanciadas quando as agonias diárias dos moradores da periferia também encontram os residentes de luxo. Uma raridade que precisa ser comemorada e com sentido apenas para os indivíduos que presenciam a opção dos empresários de jogarem os alimentos, quando estes poderiam ser entregues aos necessitados. São estas as posições da autora que ficam aparentes o motivo da sua escrita na sensibilidade de compreender a força dos operários e dos humildes.

A errância contada no livro também executa uma sinfonia de palavras característica pelo conceito de tática do autor: “chamo de *tática* a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio.” (p. 94). Carolina de Jesus racionalizou o texto, esperando “golpe por golpe” inventar outra realidade para a sua família: a sonhada casa de alvenaria. Acreditando que a escrita era seu “saber-fazer” mais digno e a conduziria por um caminho de transformação. Logo, a “sucata” era montada com as ondulações de ser catadora de lixo e da narradora do seu caminhar. Os dias para ela também tinham as suas rupturas, descrevendo um sentido interno como, por exemplo, nesta frase: “Dia do papai. Um dia sem graça.” (p. 108). Perpassa no texto essas dores de mãe com os filhos sem a presença dos pais⁹, característico de um país que considera ser quase exclusiva da mulher esta tarefa. O livro traz uma inquietação com a sua vida de mulher sozinha e ativa nos paradoxos de sua condição, percebendo que ter um marido não seria uma opção para uma mulher que tem uma sagacidade em ler e escrever. Além disso, ela relatava a violência sofrida pelas mulheres com os homens exploradores e estava ciente, a partir de suas observações, dos transtornos das relações conjugais no espaço da favela quando o aborrecimento da falta deixa os indivíduos mais nervosos.

Era a paciência uma companheira de Carolina de Jesus a ter um tempo de dedicação às memórias que a levariam ao encontro de um sonho de sair da favela. Descrição devagar nessa fuga do espaço concreto para o espaço sonhado. Além disso, ela tem uma ligação com os sonhos da noite, afirmando que “Deus envia-me

⁹ Seus filhos tinham pais diferentes.



estes sonhos deslumbrantes para minh'alma dolorida. Ao Deus que me protege, envio os meus agradecimentos." (p. 120). A questão de passarmos por estes movimentos apenas indica a diversidade das considerações da autora. Esta caminhada múltipla que engloba as durezas da vida e uma sensibilidade de estar atenta aos movimentos menos palpáveis. E aqui é perceptível Certeau, das "Artes de Fazer", porque existe uma poesia dentro destas interfaces da vida material e a sua "astúcia" de conseguir com a escritura fazer a denominada "politização das práticas cotidianas". Uma vez que me parece um texto que quer traduzir o sofrimento em instâncias as mais críticas possíveis, principalmente aos políticos. Uma ciente ideia da configuração das estratégias de domínio do mundo, logo, a imagem da casa copiada para a cidade, repartindo-a em sala de estar e quarto/quintal de despejo, sobressaindo o conhecimento espacial da autora. A cidade como lar era injusta, ela não tinha uma casa e a parte reservada para a sua família era um barraco. É possível ver o real da favela do Canindé ao irmos em uma das centenas de ocupações urbanas existentes no Brasil. Isso para entendermos a repulsa dela a este ambiente de amontoados de pessoas. Mesmo assim, Carolina de Jesus nos oferece uma percepção das crianças que ali brincam e para elas só podem ser reservadas palavras meigas.

Certeau, da "Invenção do Cotidiano", tem uma denotação dos indivíduos excluídos das zonas do poder que forjam uma sobrevivência ao fazerem dos seus "golpes" cotidianos uma maneira de arte nas fronteiras cercadas das estratégias. É a liberdade escapando pelos mínimos pontos e, aqui, jamais queremos fazer uma apologia da prisão por possibilitar ainda as fugas. Ao contrário, a escuta da voz de Carolina de Jesus nos faz pensar na inquietante referência da afirmação: "eu sou uma despejada". A questão principal do texto foi a compreensão da favela colocada pela autora, sabendo que é uma em milhares confinadas nos espaços urbanos da maioria das cidades. Então, colocamos o viés relativo de percepção espacial porque no "Quarto de Despejo" o montante das qualificações é negativo, mesmo salientando uma Carolina de Jesus agradecida às ocorrências da natureza: "Temos as estrelas que brilham. Temos o sol que nos aquece. As chuvas que cai do alto para nos dar o pão de cada dia." (p. 144).

Mas, o seu real concreto é este: "Cato papel, lavo roupa para dois jovens, permaneço na rua o dia todo. E estou sempre em falta." (p. 12), sendo esta "falta" reconhecidamente a de alimentos, vestuário e a casa de alvenaria. Por isso, esta



praticante das caminhadas pela rua deixa no livro a realidade circunscrita da observação de quem conhece as espacializações e a maneira de verbalizá-las. São maneiras também de demonstrar um saber de como vagar/trabalhar e que só podem acontecer nas ruas: “Eu sou da favela do Canindé. Sei cortar de gilete e navalha e estou aprendendo a manejar a peixeira. Um nordestino está me dando aulas. Se vai me bater pode vir.” (p. 82). Palavras de um jogo que se expõe pelo blefe, a sábia “astúcia” de sobrevivência em ambientes violentos. A mulher negra e do Canindé não pode ser intimidade pelas ruas porque ela conhece os trajetos e as repostas para cada canto da cidade de São Paulo. Uma cidade que apaga as luzes para as misérias alheias com governantes que só aparecem nas favelas em períodos eleitorais. Portanto, Carolina de Jesus “roda” muito para ter uma mínima capacidade de viver e os seus cadernos são os pontos de uma trilha sensível em busca da realização do seu sonho. Interessante notarmos que a sua temática poética, como ela mesma se autodenomina uma poeta, seja a favela em uma contraposição aos outros espaços da cidade. Ali naquele mundo existe a “dura vida” de quem sente as vivências dentro do “quarto de despejo”, espaço onde foi construído para caber a humanidade representativa da “falta”.

Uma estética da práxis de uma heroína que decide ludibriar a vontade de morte pelas suas palavras articuladas de sentidos sobre a “falta” e mais compreensíveis por este viés de Certeau: “É produzir frases com o léxico do perecível, na proximidade e até mesmo no espaço da morte.” (p. 273). Era nesse âmbito que a autora fazia suas anotações do cotidiano e naquela efemeridade do dia. Ali se estendia vida e morte-morte e vida, deslizando as cores da dor e das poucas alegrias desta autobiografia. Carolina de Jesus era a própria corpografia das suas frases e sabia ler também as outras corporeidades das ruas e dos residentes do Canindé. Passo a passo como uma gigante da “práxis” reflexiva sobre a condição de sobrevivência, ela vai trabalhando nas ordens do concreto ao sensível e vice-versa. Ela escreve, portanto, um redemoinho das ações cotidianas em que era necessário vislumbrar uma casa para viver, logo, catalogava um texto-lar que chamava a atenção para o local de moradia. A ter por intenção chegar em outro lugar já definido como lar possível. Uma forma de esperar pacientemente que suas frases sejam conhecidas e tomadas como literatura ao serem publicadas. Talvez, muito mais da autora seja melhor entendível se a enxergarmos como catadora de palavras do real. A tarefa do dia a dia no espaço



urbano de São Paulo a fez compreender onde ela estava. Acreditando que este saber tem algum valor, afinal, ela escrevia e conhecia aquele ambiente. Crer que seu caminhar tem um sentido e escrever sobre ele significou realmente encontrar outro espaço para a sua vivência.

De tanto “rodar” por São Paulo e fazer as marcações do roteiro do seu dia, ela chegou ao mundo. A voz de Carolina de Jesus foi como uma fronteira rasgada porque passou para o outro lado, apesar de ter retornado a algumas carências, a autora continuou a catar “sucatas”. E se a luta dela foi por um lar, Carolina de Jesus teve um a partir deste livro de 1960. Lamentar os percursos da autora pós “Quarto de Despejo” significaria, para este texto, uma diminuição da personalidade “arteira”. Para quem escreveu sobre a realidade das desigualdades sociais de uma favela com uma posição de poeta, mesmo incorporado nela as marcas daquele mundo, poderíamos apenas destacar que “Morrenasce, trigo/Vivemorre, pão”. O real não aceita suposições, então, ele acontece e foi neste processo que tivemos uma escritura dessa “quase invenção do cotidiano”. O “quase” indica a posição de onde a autora diz a sua verdade/ficção na dimensão de um querer concretizar pelo livro o que ela presencia. Se a “falta” estava ali comprovando que o seu “lugar próprio” estava muito distante, antes da publicação do livro, ela encontrava nas letras esta “presença” de ser. Evidenciamos que este distanciamento tem dois sentidos: no da moradia como lar estável e no reconhecimento da escritora. Um e outro são complementares como também a catadora de lixo e das palavras são uma mesma pessoa. Assim, andar e escrever foi o “canto de resistência” da mulher negra e favelada a expor um mundo das ausências de quase tudo.

E no conceito certauniana das “*maneiras de passar ao outro*”, vemos em Carolina de Jesus esse vigor da solidariedade quando faz um ato para ajudar uma pessoa: “Dirigiu-me um olhar tão terno como se estivesse olhando uma santa.” (p. 176). Ela tinha uma sensibilidade aguçada ao sofrimento alheio, caracterizando uma escritora que, para além da materialidade dos acontecimentos, se deixava conduzir por uma afetuosidade humana. Canindé não a transformava em alguém distante daquele local, ao contrário, fornecia uma visão dos iguais em sofrimento. A indignação da violência e de todas as formas de agressividade estava para a autora relacionada ao local e à fome, porém, a força de alguns para alcançar uma resistência era percebida por ela. A alma da poeta se deslizava nas reentrâncias de cada quarto de



despejo, ali a existência era a de inclusão para o sofrimento e de exclusão apenas às ações de agressão. Uma passagem “ao outro” significa justamente este apreender as dificuldades das corpografias deste espaço urbano que engloba os mais diversos seres. São os caminhares indicando os sujeitos para ficarmos cientes de quem passa ao lado, nisso, a sua maneira de escrita tem esta concretude de um, quiçá, flunar pelos ditos restos da cidade paulista.

Fazer “sucata” foi a competência desta escritora que ao estilo certeuniano enxergou além da repetição dos dias. Sendo atrevida em pensar uma literatura da práxis porque seus cadernos eram a personificação de que todas as vidas se prestam à observação. Os detalhes da vida de algumas pessoas ali escritas iriam magoá-las, segundo a autora, mas, era necessário para o conhecimento dos futuros leitores da favela do Canindé. A realizar a operação primeira de deixar o texto como real de um local apagado como estratégia para o crescimento de São Paulo – não foi para fazer casas, mas, uma rodovia, ironicamente denominada Marginal Tietê. Seguindo a posição de registrar um “Canindé” paulista, a evocar que as designações não chegam à toa para as coisas-espacos. O mapa dirigido pelas mãos do texto nos indica os percursos tão familiares e pouco estranhados das espacializações pobres das cidades. Nisso aprendemos com o livro que seria ideal não naturalizarmos os “Canindés” dos espaços urbanos, pois se não trazem a utopia do “sertão virar mar”, eles nos falam de uma cidade ainda real. A proposta de fazê-los ficarem visíveis impõe uma responsabilização pelos leitores deste cotidiano “quase” inventado. Opera também para a retirada de um véu da ignorância, demonstrando a arte neste vai e vem dos recursos de combate¹⁰ em prol de sermos melhores. Em uma ação de descoberta deste jogo que nos diz das esferas individuais e sociais conectadas ao sentido de aprendermos a linguagem polissêmica de cada mundo.

Foi nesta intervenção de força que o livro proporcionou a saída da autora, daquele local, pelos rendimentos monetários da publicação dos cadernos guardados no “quarto de despejo”. A fronteira da pobreza tinha sido ultrapassada para colocá-la em outros registros, mesmo sem esquecer de que a abertura de um mundo não anula as frestas do antigo. E isso não porque ela novamente passou por carências de

¹⁰ “Na medida em que a obra institui um mundo e produz a terra, é a instigação deste combate. Mas tal não acontece para que a obra esmague e aplane o combate, numa concórdia insípida, mas sim para que o combate permaneça combate.” (p. 39). Conf.: HEIDEGGER, Martin. **A Origem da Obra de Arte**. Edições 70. Lisboa-Portugal, 2019. (Biblioteca de Filosofia Contemporânea.)



recursos para a sobrevivência, mas, na condição de qualquer indivíduo que arrasta sua vivência. Fiquemos, então, com a lição de um lar transformado pelas ruas, tendo um Certeau conciso na interpretação destas ações do cotidiano: “Pequenos nada, ou quase nada, simbolizam e orientam os passos. Nomes que no sentido preciso deixaram de ser “próprios” (p. 172). E em três ondulações: “o *crível*, o *memorável* e o *primitivo*”, podemos nos sentir valorados em nossas andanças, sendo uma forma de transposição com gestos apropriados para o preenchimento das lacunas deixadas pela lei do mais forte.

Parece que a autora tinha razão se compararmos a escolha da escrita de Certeau pelos caminantes sem lugares, ao reproduzir a fala de um vizinho que disse: “(...) os intelectuais dão preferencia aos favelados.” (p. 190). A prioridade é mais uma aprendizagem de conhecer o lado que de certa forma nos conduz a uma humanidade. A leitura do cotidiano, no local dos afastados das ramificações do poder, consegue justamente demonstrar um tipo de “poder” como este da Carolina-Escritora. Um livro feito da realidade do seu espaço e sendo uma catadora de lixo fez dali uma tarefa de arte da escrita-sucata. Isso corresponde também a um estar na cidade com os sentidos apurados para os pontos que somente a “astúcia” praticada consegue esmiuçar.

3 - “O Quarto de Despejo” na rota de uma “Sociologia da Vida Cotidiana”

A narrativa de Carolina de Jesus é a captação do real, escrevendo o que vê, escuta, observa etc. A invenção está ali também como qualquer autor ao tramar as palavras para o texto. Nisso a composição do livro se torna uma fonte necessária como descoberta do morar em uma favela e da interpretação deste cotidiano pelo lado de quem vive naquele espaço. Uma moradora que escreve e absorve os movimentos dos dias para deixá-los claros aos leitores que no “quarto de despejo” existe vida e sonhos: “Todos nós temos o nosso dia de alegria.” (p. 24). Essas passagens poéticas indicam a subjetividade da autora que condensa os seus sentimentos com a realidade concreta. Assim, ter comida em casa, por exemplo, a deixa confortável e a sua escassez nervosa, fazendo uma estética da práxis ao relatar as dificuldades de viver em uma realidade de conseguir o “pão nosso de cada dia”. O levantar até o anoitecer gira nas ações de luta pela alimentação e no meio desse percurso está a literatura da



autora. Nessa circularidade dos dias, a pessoa e a escritora rondam os espaços urbanos pela vontade de viver mais um dia. Apesar do suicídio ser um assunto comentado, porém, sobressalta o seu contrário. Ou seja, a vida mesmo sendo conduzida por um viés menos prazeroso como sublinhado nesta passagem: “não há coisa pior na vida do que a própria vida”. (p. 165). É justamente desta condição que temos a origem da escritora e que consegue redimensionar as dificuldades para os diários. Ler e escrever eram as duas práticas mais instigadoras de alegrias, fornecendo um elo de significados de que ali existia uma mulher negra, favelada e escritora.

Neste espaço autobiográfico e cotidiano, temos a transparência da afirmação de Pais: “(...) há sempre lugar a um movimento de vaivém, da biografia ao sistema social e deste à biografia.” (2007, p. 161). Um vaivém bastante evidenciado em “Quarto de Despejo - Diário de uma favelada” em que o reconhecimento do tempo se faz nas ações do ator individual por onde ele, nesse caso, ela anda, desde as instituições aos ambientes considerados rotineiros. Por isso, a sociologia no estudo do cotidiano conduz a uma aproximação dos afazeres comuns com a percepção de que também não nos separamos do conjunto social. Nossos dias avisam a quase indiferença aos limites do micro e do macro. O detalhe não pode ser separado das ramificações de um processo considerado estrutural e, na verdade, as ações passam pelos canais menos previstos. Isso reporta a estarmos atentos às mudanças ao conduzirmos uma sociologia do cotidiano.

Nesse sentido, o livro sedimenta esta noção das “raticeiras” do cotidiano, daqueles conhecedores do espaço onde vivem: “Esta sociologia rasante que é a sociologia da vida cotidiana deverá ser uma sociologia matreira, feita de «raticeiras» (...); manter-se ao rés das coisas mas vê-las todas, numa obstinação miúda e picuinhas.” (p. 35). Carolina de Jesus passeia por entre as ruas e seus os modos de ser dentro do espaço da favela do Canindé, desde o amanhecer no enfrentamento da fila pelo balde de água ao anoitecer observando os últimos acontecimentos do dia. Cada ato tem um perfil de leitura do ser humano naquele local, uma forma de espacialização das condutas. As casas-barracos falam para a autora dos seus moradores, identificando-os pelos seus costumes. Não podemos deixar de perceber que as confusões, as violências de gênero, a fome etc. se sobressaem nas descrições pormenorizada destes acontecimentos. Não espere de Carolina de Jesus uma



romantização do cotidiano da favela que escreve: “Favela, sucursal do Inferno, ou o próprio Inferno.” (p. 165). Assim, tomamos conhecimento daquele espaço em um sentido de seus transtornos e no desejo de sair dali. A casa de alvenaria sendo apresentada como lar ideal da autora e, talvez, da maioria dos residentes do Canindé.

Porém, escrevemos o que nos incomoda, mas, o tornar-se incômodo na escrita está acima das apreensões simples de categorizações mediante uma interpretação da autora ou do leitor. Somente lemos aqui uma das intenções do texto e podemos ousar compreender que este livro nos transmite um mundo, permitindo a nitidez daquela antiga noção de que autora, nas voltas de idas e vindas pelas ruas, traz uma imagem espacial da cidade. Acordo que estabelece com o leitor quando narra as “ratice” para conseguir o dinheiro da sua sobrevivência. Ficando visível no seu trabalho a imprevisibilidade do cotidiano, que são os diversos roteiros do dia expostos no diário. Então, no espaço urbano a contingência lhe dá a mão para o positivo ou negativo – de encontrar alguém para colaborar ou não no “andar” desse tempo articulado entre o alvorecer ao término de um dia.

Em um dia tranquilo, por exemplo, a autora expressa um sentimento de alegria e faz uma definição objetiva desta paz: “Acho que é porque estes dias eu tenho tido o que comer.” (p. 121). Quebrando a indicação de uma subjetividade sentimental com a marca de que seu encantamento tem pouca ressonância na prosa realista de onde está. Assim, são dois contextos inseridos para percebermos os espaços urbanos em suas diferenciações qualificativas: a) a cidade de São Paulo; e b) a favela do Canindé. A autora foi destinada a uma errância pelo seu trabalho e as ruas foram o material da escritura, a lembrar que este “quotidiano” para a sociologia expressa um diálogo com a sociedade, segundo Pais. Portanto, era uma andante que catava papéis e lixo reciclável, observando as transformações da cidade para o diário: “*Alguns homens em São Paulo/Andam todos carimbados/Traz um letreiro nas costas/Dizendo onde é empregado.*” (p. 121). Uma Capital da industrialização do início dos anos 60, onde os operários surgiam indicando os paralelos de crescimento econômico e desorganização espacial – as favelas. O livro poderia ser uma referência de um tempo, contudo, as cidades brasileiras continuam a ter uma periferia pobre com dificuldades de saneamento básico, quase 100 anos após a publicação do primeiro exemplar. É um texto que nos coloca próximos de pensarmos uma literatura do “vagabundeio” e,



neste caso, acertando os passos com o social no espaço urbano entre a fonte literária e a autobiografia.

E este ver de “picuinhas” vai adiante ao notar as dificuldades dos trabalhadores para chegar ao posto de serviço. Por isso, o aumento das passagens é assim compreendido: “Olhando os paulistas circular pelas ruas com a fisionomia triste. Não vi ninguém sorrir. Hoje pode denominar-se o dia da tristeza.” (p. 128). Outro problema que ainda atinge a maioria dos moradores das capitais, com elevados preços se compararmos em relação ao salário mínimo e à qualidade dos transportes. É recorrente também as descrições comprovando a inflação e no livro temos uma frase específica desse tipo de corrosão do dinheiro: “Se a gente trabalha passa fome, se não trabalha passa fome.” (p. 129). Transmite a sensação de que nenhum trabalho é suficiente para os gastos mínimos e a fome está à espreita naquele local. Essas são as marcações da estética da *práxis*, fornecendo um mapa de um mundo onde a favela está localizada nos espaços urbanos da falta de quase todos os recursos necessários a um indivíduo. A sensibilidade da autora, neste aspecto, faz crer em sua declaração: “É preciso conhecer a fome para saber descrevê-la.” (p. 29). São estes dias de Carolina de Jesus que nos apresenta um despejo do significado da palavra fome. Como se a vontade dela estivesse concretizada em fazer o reconhecimento da “escravatura atual” que é a fome em sua interpretação.

O cotidiano da fome, no seu texto literário-biográfico, destaca o entendimento do universo micro e macro ao colocar que: “No nosso paiz tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os políticos fraquíssimos. E tudo que está fraco, morre um dia.” (p. 39). E por este ângulo, Pais evidencia que em uma sociologia cotidiana os dois aspectos estão enviesados e seria impossível filtrá-los porque “é, sobretudo, uma sociologia dos lugares sociais da produção de sentido comum.” (p. 48). Assim, fazer o estudo do cotidiano é tomar uma licença para se posicionar ao lado de quem produz a vida. Podemos até nos interrogar: O que faz Carolina de Jesus para isso? Ela consegue fazer um estranhamento do dia porque ao relatar, sobre as pessoas e o contexto em que estão, esclarece para um leitor o seu conhecimento espacial minucioso. Um livro que consegue ter por fonte estritamente a observação do cotidiano na “rota” de um passar vigilante a ser depois escrito. Fragmentos a pinceladas que registram, no movimento mais rotineiros, os intervalos distintos de uma ação. Os atos de violência, nesse sentido, descritos no livro são relatados sempre de



forma modificada porque algo novo aparece na cena. Seja pelos personagens, motivos ou objetos referidos, temos a certeza de que aquele dia não foi igual a nenhum outro. Essas são as posições que “Quarto de Despejo” traz e quando o associamos a uma sociologia do cotidiano, vemos a compreensão do fazer uma “sociologia passeante”. Entra no viés mais pormenorizado e vai nas encostas de uma conexão estrutural ou vice-versa, fechando o dia com algo intercalado na dimensão da sociedade e do vaguear de um indivíduo.

E os contornos definidores do texto, esclarecendo a vivência na favela, parece seguir Pais que avança nos parâmetros da sociologia do cotidiano ao colocar os afazeres de cada dia em patamares do estudo da vida social. Nesse caso, a sociologia de Pais e o livro de Carolina de Jesus possuem uma complementaridade para pensarmos o significado do cotidiano. O primeiro pelo recurso científico da sociologia e o outro na dimensão próxima de leitura daquele real diário. Na ordem temporal, os dois livros estão distanciados, mas, nas compreensões sociológicas de Pais, poderíamos entendê-los como vizinhos. Os dias ali traduzidos reforçam a ideia da instabilidade das 24h, distinguido pelo sociólogo ao definir o cotidiano. E a autora caminhante faz exatamente isto: escrever sobre as contingências deste cotidiano. Interessante percebermos a possível interação dos dois livros, equalizando uma camada sociológica e literária. Sem reduzir um livro ao outro, vemos apenas um diálogo entre eles para projetarmos um conceito da sociologia das miudezas na conformação das descrições diárias de “Quarto de Despejo”.

Para Pais, a topologia de um poeta é justamente transformar o cotidiano em poesia, ou melhor, seria considerá-los sem delimitações topológicas. Sendo que avançam por todos os caminhos para captar em uma linguagem algo dizível, às vezes, do menos visto daquele tão comum. Por este trajeto, a prosa de Carolina de Jesus nas percepções da sua escrita comenta: “quem escreve gosta de coisas bonitas. Eu só encontro tristeza e lamentos.” (p. 184). Fazendo dessa sua “cama de tatame¹¹” a fonte dos seus pontos poéticos e como a sua referência de ser no mundo: “Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta.” (p. 64). Nesse entrever de afirmar ser uma pessoa que reconhece sua dimensão de “mulher preta e despejada”, a autora sintetiza a sua força. E em outra passagem, encontramos o paradoxo em que vemos a escritora/personagem na dimensão da sua realidade: “A voz do pobre não

¹¹Música “Drão” já citada.



tem poesia.” (p. 140). Mas, ela própria fez poesia daquela espacialização do sofrimento. Claro que toda existência tem poesia, sendo o livro a sua comprovação, porém, seria inviável não sublinhar o sonho da autora de sair da favela. Escrever e ler têm uma ligação com a ideia de mudança, por exemplo, ao chegar na redação, dos Diários Associados, temos a frase: “A realidade é muito mais bonita do que o sonho.” (p. 173). Uma frase representativa do início da publicação dos seus textos que a projetava para a realização da compra da casa de alvenaria. Temos aí as duas Carolinas, a personagem e a escritora, em uma noção de que o sonho de uma estava integrado no cotidiano da outra.

De forma geral, sabemos com Pais que: “(...) com todos os seus artifícios, o texto literário inventa a trama que encadeia os acontecimentos na vida quotidiana, não apenas dando sentido à história, como produzindo também uma historicidade: significativa, representativa.” (p. 165). Somado a isso, temos um livro centrado no cotidiano de uma vida apresentada como justa, lembrando um pouco o conceito de *phrônesis*¹² em que a teoria e a prática coexistem para constituir uma voz: a da favela do Canindé na cidade de São Paulo. Assim, ler Carolina de Jesus é compreender um pouco a noção de Pais da leitura do cotidiano para a vida social. Esta esfera do “instável” convoca um tipo de sociologia mediada por uma metodologia da observação rasteira. Portanto, fazer uma sociologia do cotidiano é optar pelo susto dos dias, requisitando nas “coisas” ditas simples a sua força decodificadora de sabermos do social. Por isso, podemos transmutar uma pergunta de Pais, em “Sociologia da Vida Quotidiana”, para o contexto de Carolina de Jesus: “*Qual o enigma que encerra este livro “Quarto de Despejo”?*” O enigma de uma mulher negra que fez do seu diário um meio de acessar outro tipo de cotidiano, tendo revelado o contexto da favela com o reconhecimento da sua estética da práxis.

Esta foi uma das inúmeras demonstrações possíveis ao pensarmos nas considerações analíticas do pesquisador e da literatura da autora. Algo que atravessou as leituras dos dois modelos de pensar o cotidiano com o intuito de compreender o lugar de um diário nas injunções sociológicas consideradas

¹² “se for criança eu vou atravessar o Tietê para retirá-la e se for preciso nadar eu entro na água.” (p. 138). E, segundo Neubauer: “é que a existência do homem é, de fato, constituída em sua qualidade de ser pensante, e, nessa medida, o seu agir é uma ação prática, sempre participada e compartilhada.” (2015, p. 114). Conf. NEUBAUER, Vanessa Steigleder. **A Noção de Experiência Vivencial Significativa aa Hermenêutica de Hans-Georg Gadamer**. 2015. 153 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2015.



minúsculas. Reflexão em pontos fragmentados, porque sejam configurados nas ruas do espaço urbano pela literatura ou nas dimensões metodológicas da sociologia das “ratice”, os acontecimentos são observados por uma quase operação fotográfica. Distinguindo um dia do outro com cliques/*links* que depois são reaproveitados pelos leitores, os quais se tornam os convidados daqueles “passeios”. No mínimo, estabelecem um contato de saberes e descobertas, retirando das sombras as ditas repetições. E quando encontram um farol, elas conseguem confirmar que o entendimento linear não é tão preciso como gostaríamos. Portanto, as sinuosidades dessas ações são demonstradas elegendo os rompimentos de um dia comum. Tarefa incansável daqueles que estão atentos aos rituais do nascer do sol e do anoitecer para qualquer um, não sendo igual, por ser qualquer.

4 - As “astúcias” das “ratice” conclusivas

Estas incursões sobre uma estética da práxis a aproximaram com os dois autores. Uma vez que Certeau vai debulhando os encantamentos das práticas simples, e, Pais coloca a pesquisa sociológica para dentro dos rumores menores. Cada um a seu modo está também em sinalização de uma ciência entre os espaços do macro e do micro, os quais não são elevados e muito menos tão minúsculos a impedirem qualquer observação. Feito esta ressalva, afirmamos que “O Quarto de Despejo” alcança essas conjugações de um “terceiro espaço”¹³, porque o livro tem uma aguçada percepção política de onde ela se encontra e consegue também fazer da escrita um ponto de malabarismo para a vida ficar menos sofrível. Logo, a autora faz críticas contundentes à situação do país, das autoridades do Estado, da violência de gênero, da consciência da cor da pele etc., a confirmar sua inserção no mundo concreto. Sem esquecer a dimensão poética de quem fez muitas andanças: “Há varias coisas belas no mundo que não é possível descrever-se.” (p. 43). E, em um sentido diferente a existência da falta somente poderia ser descrita, segundo a autora, por quem a conhecesse. Assim, ela vai mexendo com os significados do concreto e, às vezes, do abstrato para sublinhar uma perspicácia do conhecimento direto com o objeto: o da falta.

¹³ “(...) que é espaço intervalar entre as regras do embate.” (BHABHA, 1998, p. 268) Conf.: BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.



Nesse sentido, quando o livro faz referências as caminhadas duras, em busca literalmente dos restos deixados pela multidão de uma cidade grande, nos desperta para esta frase de Certeau: “é sempre bom recordar que não se devem tomar os outros por idiotas.” (p. 248). Seria desnecessário este lembrete para as ciências humanas se soubéssemos ouvir os itinerários dos outros. Mas, às vezes, queremos cruzar o ponto da realidade e estreitar conversações de uma só voz que pouco condizem com as interações observadas. Interessante percebermos, por exemplo, que a favela do Canindé não existe mais e foi uma moradora, semianalfabeta para os oficiais da escola pelos títulos, a registrar um local de repulsa lhe dando uma cor: “Porque negra é a nossa vida”. (p. 43). Ali a pele confirmava o espaço destinado aos negros após a “libertação” e como ela mesma escreve: “A cidade é um morcego que chupa o nosso sangue.” (p. 182). E ao ter a vontade de comer saciada, Carolina de Jesus afirmava: “Eu tinha a impressão que eu deslizava no espaço.” (p. 44). Será que com esta interpretação podemos reconhecer um sentido para a frase filosófica de que “caminhar é ter falta de lugar”?

Como vimos, então, ela era uma andante da necessidade e trançava seus dias vivenciando o espaço urbano para catalogar as diferentes espacializações a partir da ideia de um lar: “na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo” (p. 37). E realmente viu e descreveu os lados obscuros e alegres de São Paulo, dando a compreender, talvez, que a condição de catadora de lixo não era um infortúnio tão angustiante quanto o retorno àquele ambiente. Era nítido a divisão da cidade e da favela, enquanto andava, ela enxergava horizontes mais ajustados e ao pousar tinha um choque com a condição da falta de quase tudo. Extremos que se complementavam em seu diário e mais uma vez parece concretizar por palavras a ideia mística do historiador-filósofo: “É o processo indefinido de estar ausente e à procura de um próprio.” (p. 170). Um “próprio” fabricado com o texto do diário e apostando em uma previsão inimaginável como verdade: sair da favela pelas mãos de sua “estética da práxis”.

E na relação entre esta literatura atravessada pela escrita de uma biografia do cotidiano e a ciência social, temos em Pais o alicerce para uma “sociologia passeante que se vagueia descomprometidamente pelos aspectos anódinos da vida social,



percorrendo-os sem contudo neles se esgotar, aberta ao que se passa, mesmo ao que se passa quando “nada se passa”. (p. 31). Portanto, se quisermos ver vida social em efervescência, temos um livro a nos dizer que o cotidiano provoca esta imagem de colocar o que aparentemente não interessa em primeiro plano. Porque é o dia a dia da autora que dar corporeidade a um diálogo com as diferenças dos espaços urbanos de São Paulo. Aliás, um texto convite para os interessados a reconhecer as diversas zonas de pobreza do Brasil. Em uma sensibilidade que também projeta um encontro com o sociólogo e seu entendimento de uma existência social do cotidiano: “Ora, justamente na vida quotidiana, o germe do relativo e do instável torna-se evidente, insinua-se entre as ruínas, cobardes, das estruturas sociais.” (Pais, 2007, p. 111). Foi isso que a escritura de “O Quarto de Despejo” despejou para os leitores da elite paulista, indo o lixo ser derramado nas salas de estar. De toda forma, o livro possibilitou a mudança de vida da autora e a colocou em um patamar de uma senhora bastante distinta. Porém, mais do que isto, se a poetisa não concretizou o sonho de fazer um vestido com um “pedaço do céu”, executou com as letras a difícil operação de fazê-las falar no alto tom de quem coloca uma obra decifradora dos esteios ancestrais do cotidiano.

Fazer este texto foi uma tentativa de chegarmos perto da compreensão do que podemos denominar cotidiano a partir dos três livros. Certeau, Pais foram os escolhidos para dialogar com Carolina de Jesus porque possuem uma inserção nos pequenos traços da vida. Acredito que eles e ela têm muito a mostrar e, este artigo, só conseguiu dialogar um pouco com estas reflexões. Seria uma espécie de tradução das andanças da autora comparando-as com as análises dos dois cientistas sociais. Somente com estas pontes foi possível compreender as marcas dos espaços urbanos esquecidos, referidos pela favela do Canindé, com os atravessamentos conceituais da “astúcia” e da “ratice”: “Parece que a minha vida estava suja e agora estão lavando.” (p. 173). Uma “louca da casa” que ultrapassa com embate a oralidade para a escritura dos espaços urbanos de São Paulo.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano 1: Artes de fazer**. 22ª ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada**. 10ª ed. São Paulo: Ática, 2014.



III Seminário Nacional de Sociologia - Distopias dos Extremos: Sociologias Necessárias
08 a 16 de Outubro de 2020 - Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe

PAIS, Machado. **Sociologia da Vida Cotidiana**. 3ª ed. Lisboa: ICS, Imprensa de Ciências Sociais, 2007.